

SISEJUFE FIQUE POR DENTRO

Sisejufe dá as boas-vindas às delegações da 16ª Plenária da Fenajufe com uma das mais belas manifestações culturais do estado do Rio

O Sindicato dos Servidores das Justiças Federais no Estado do Rio de Janeiro (Sisejufe) tem o orgulho de receber os delegados e as delegadas participantes da 16ª Plenária Nacional da Fenajufe, oriundos de todo o País para discutir os rumos da luta da categoria pelo PCS e contra a retirada de direitos, com uma das mais tradicionais manifestações culturais fluminenses. No encerramento da noite de abertura da 16ª Plenária, em 3 de junho, no Hotel Windsor Guanabara Palace, o Sisejufe apresenta o grupo Razões Africanas e o Jongo da Serrinha – que mantêm viva a tradição do jongo, surgido nas fazendas da café do Vale do Paraíba, sul do estado do Rio de Janeiro.



Razões Africanas (foto acima) é o encontro de vozes, pensamentos e energias que vibram em torno da ancestralidade que envolve o universo legado pela Mãe África à nossa terra. Formado e criado pelas cantoras do Jongo da Serrinha, Dely Monteiro, Lazir Sinval e Luiza Marmello, pelo cantor Lucio Sanfilippo, pelos percussionistas Anderson Vilmar, também do Jongo da Serrinha, e Marcello Mattos, o Razões Africanas conta com o violão de 7 cordas de Adriano Furtado, também do Jongo da Serrinha e com a viola e o cavaquinho de Maurício Abreu, para realizar sua gira completamente embebida de africanidades.

Com um repertório impecável composto de afoxés, jongos, sambas, cocos, sembas, maracatus, canções em línguas africanas, alujás, aguerés, ilus etc., o Razões Africanas inaugura um marco de referência para discussão e vivência de todo um complexo cultural indiscutivelmente determinante para a formação da identidade cultural brasileira.

O Jongo da Serrinha é um dos

mais tradicionais grupos de cultura do País tendo recebido diversos prêmios por seu trabalho artístico e social. Com 40 anos de história, o grupo de Madureira foi fundado por Mestre Darcy e sua mãe, Vovó Maria Joana Rezadeira que, preocupados com a extinção do jongo na cidade, transformaram a antiga dança praticada nos quintais da Serrinha num espetáculo. O Morro da Serrinha, localizado na Zona Norte do município do Rio de Janeiro, é uma comunidade urbana com aproximadamente 7 mil moradores na sua maioria negros. Com 103 anos de existência, a Serrinha é uma das primeiras favelas do país, tendo recebido no início do século passado um enorme contingente de escravos negros recém-alforriados. Os moradores da Serrinha constituíram um núcleo religioso e cultural potencial, visitado não só pelos moradores das cidades próximas, como também por jornalistas, artistas e turistas de vários pontos do Estado do Rio, do Brasil e exterior, interessados em cultura e tradições afro-brasileiras.



Jongo é uma herança cultural trazida pelos negros ban- tos que vieram da região do Congo-Angola, na África, para as fazendas de café do Vale do Paraíba no século 19 e que ficou preservado na região. Graças a uma iniciativa do grupo, o ritmo foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2005, como o primeiro Bem Imaterial do Estado do Rio de Janeiro. Ao transformar a antiga dança de roda num espetáculo, Mestre Darcy e Vovó Maria inovaram ao introduzir violão e cavaquinho no jongo e ao ensinar crianças a dançar, antigamente só permitido aos “cabeça branca”, criando uma nova referência do jongo na cidade e garantindo sua sobrevivência no contexto da globalização.

Em sua trajetória de resistência, o Jongo da Serrinha se transformou em uma das mais genuínas referências da cultura carioca e vem se apresentando em diversas cidades do Brasil e exterior divulgando e preservando o ritmo com espetáculos de alta qualidade. Em 2000, o grupo criou a ONG Grupo Cultural Jongo da Serrinha



Tia Maria do Jongo, à frente, é a principal expressão desta arte no Rio

(GCJS) para desenvolver estratégias de preservação da memória da comunidade Serrinha e do jongo e de educação e capacitação profissional para jovens e crianças, através da Escola de Jongo (EJ). Recebeu diversos prêmios entre eles o Cultura Nota Dez (2006), Cultura Viva (2006), Itaú-Unicef (2005), Petrobras Rival BR (2002) e Orilaxé (2002). A ONG tem duas missões institucionais: educar crianças e jovens e preservar o jongo como patrimônio imaterial.

Uma das estratégias de preservação e capacitação profissional é a criação de espetáculos de alta qualidade, apresentados em teatros de grande porte da cidade a fim de formar plateia para o jongo

e divulgar a história e cultura populares.

O Grupo Cultural Jongo da Serrinha está inserido em diversas redes do Terceiro Setor e conta com o apoio de vários parceiros institucionais. No projeto Escola de Jongo, seu principal projeto educacional, o GCJS conta com o apoio financeiro da Petrobras, Criança Esperança, Ministério da Cultura, através do projeto Ponto de Cultura, e da Prefeitura do Rio; para elaboração de metodologia pedagógica e planejamento estratégico participa das Redes Social da Música, Rede Circo Social e Rede de Memória do Jongo e Pontão do Jongo.

O Sisejufe vem sendo parceiro na divulgação do trabalho da ONG através de seus veículos de comunicação sindical há vários anos e, neste início de junho de 2011, tem o prazer de apresentar o melhor desta manifestação cultural aos representantes da categoria do Judiciário Federal do Brasil, reunidos no Rio de Janeiro.



sisejufe.org.br